



**SOBRE UMA ARTE DA RELAÇÃO:
REFLEXÕES SOBRE HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIA NA
OBRA DE ALESSANDRO PORTELLI**

**ABOUT A ART OF THE RELATION
REFLECTIONS ABOUT ORAL HISTORY AND MEMORY
IN THE WORK OF ALESSANDRO PORTELLI**

Camila Mota Farias*

Universidade Estadual do Ceará - UECE

camilamotafarias@gmail.com



www.revistafenix.pro.br

“Fisicamente, habitamos um espaço, mas sentimentalmente, somos habitados por uma memória.

Memória que é a de um espaço e de um tempo, memória no interior da qual vivemos, como uma ilha entre dois mares: um que dizemos passado, outro que dizemos futuro. Podemos navegar no mar do passado próximo graças à memória pessoal que conservou a lembrança das suas rotas, mas para navegar no mar do passado remoto teremos de usar as memórias que o tempo acumulou, as memórias de um espaço continuamente transformado, tão fugidivo como o próprio tempo.”

Palavras para uma cidade – José Saramago

* Pós-graduanda no Mestrado Acadêmico em História da Universidade Estadual do Ceará (MAHIS/UECE), com bolsa CAPES, e integrante do Laboratório de Estudos e Pesquisas em História e Culturas (DICTIS).

Desde a década de 1970 identificamos, principalmente no cenário internacional, obras nas quais a História Oral torna-se objeto de reflexões. Desde tempos primitivos a oralidade simboliza um recurso de transmitir informações, conhecimentos, através dos relatos de experiências. Na Antiguidade Clássica a recomposição do passado se dava com informações orais, assim, a oralidade era uma fonte básica na compreensão histórica. No início da modernidade, com a consolidação das ciências, a exemplo do positivismo no século XIX, a busca da verdade científica foi apoiada em documentos escritos e oficiais, pois acreditava-se que estes eram objetivos, e a oralidade, então, foi relegada por comprometer o ideal de verdade instituído pela ciência, tendo em vista que se constituía a partir de indivíduos, sendo, portanto, subjetiva.¹

A retomada da oralidade como fonte para o conhecimento histórico se deu a partir de renovações epistemológicas e tecnológicas, como a invenção do gravador e da filmadora. Segundo Phillippe Joutard,² podemos pensar em uma cronologia dessa retomada expressa em quatro gerações: a primeira estaria ligada aos Estados Unidos da América nos anos de 1950 e a busca por colher material para historiadores futuros, os sujeitos entrevistados eram os notáveis, a elite, não havia reflexão metodológica; a segunda estaria localizada em 1968, envolta pelas reverberações do período como os movimentos sociais (feministas, negros, homossexuais) e a história social que propunha dar voz aos “de baixo”, a história oral seria considerada outra história, militante, alternativa, daria voz aos marginalizados; em 1975 iniciaria a terceira geração com a formação de grupos e revistas na Itália, França, América Latina, etc, caracterizada pela multiplicação de colóquios internacionais, criando uma comunidade imaginária de historiadores orais; por fim, na década de 1990 teríamos a quarta geração amparada na valorização das subjetividades, das sensibilidades e do simbólico, relacionada às novas histórias, como as propostas teórico-metodológicas da História Cultural. Nestas últimas estaria o autor Alessandro Portelli e seus estudos.

¹ Cf. FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. 277 p.

² JOUTARD, Phillippe. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 43-62.

Alessandro Portelli possui formação em Direito e em Línguas Modernas e Literaturas Estrangeiras, atualmente é professor de literatura anglo-americana na Universidade de Roma La Sapienza, sendo reconhecido por seus estudos sobre literatura, cultura (cultura operária), memória e História Oral. O pesquisador possui diversas obras publicadas, por exemplo: **America, dopo: Immaginario e immaginazione** (2002), **Acciaai Speciali** – Terni, la Thyssen Krupp, la globalizzazione (2008), **They Say in Harlan County: na Oral History** (2010), **Ensaio de História Oral** (2010), entre outras.³ Tendo sido apenas a última publicada no Brasil, apesar da intensa relação que Portelli possui com o País, pois desde 1995 vem dialogando com a nossa produção acadêmica através de participações em eventos e publicações em revistas brasileiras.

A obra **A Morte de Luigi Trastulli e outros ensaios: ética, memória e acontecimento na História Oral**⁴ está organizada em dois momentos/partes antecedidas por uma introdução de Miguel Cardina⁵ na qual é apresentado o livro. As partes se constituem de cinco ensaios escritos em diferentes épocas, mas que possuem como fio articulador considerações sobre a prática e a metodologia da História Oral. O primeiro momento, **Oralidade, ética e metodologia**, constitui-se com três ensaios, propondo uma reflexão teórico-metodológica sobre História Oral, memória, ética e epistemologia. O segundo momento, **Acontecimentos, memórias e significados**, é composto por dois textos que trazem como objeto a Itália do pós-guerra, fazendo uma reflexão sobre a construção da memória e sua relação com acontecimentos. A obra desenvolve noções e conceitos como História Oral e memória, utilizando fontes orais, judiciais, além da imprensa escrita. A abordagem proposta por Portelli, assim como o seu pensar/produzir, compõe-se, transdisciplinarmente, em diálogo com autores como: Walter Benjamin, Paul Thompson, Mercedes Vilanova, Luisa Passerini, entre outros.

Em **O que torna a História Oral diferente**, publicado inicialmente em 1979, Portelli realiza uma reflexão sobre as singularidades das fontes orais. Afirma que a oralidade despertou na Itália um medo de “engolimento” da racionalidade e da escrita.

³ PORTELLI, Alessandro. **Currículo do Sistema Currículo Lattes**. Brasília, 18 dez. 2010. Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=H4380828>. Acessos em: 30 mar 2014.

⁴ PORTELLI, Alessandro. **A Morte de Luigi Trastulli e outros ensaios**. Ética, memória e a acontecimento na História Oral. Lisboa: Unipop, 2013. 205 p.

⁵ Cardina é historiador português, desenvolve estudos sobre radicalismo político, história e memória e história oral. Informações disponíveis em: http://www.ces.uc.pt/investigadores/cv/miguel_cardina.php. Acessos em: 30 abr. 2014.

Em seu argumento sobre as singularidades das fontes produzidas pela História Oral o autor vai elencar uma série de elementos que as caracterizam e constituem, como o seu caráter vivo, pois não trata de coisas que falam, mas de pessoas, de vidas, além de serem fontes orais, por mais óbvia que possa parecer essas afirmações, elas são essenciais para se pensar a especificidade dessa metodologia e de suas fontes, pois as transcrições dessas fontes acarretam reduções e manipulações, tendo em vista que a oralidade e a escrita são constituídas por códigos diversos, é preciso dar atenção às linguagens que expressas na oralidade, como os gestos, os tons e o ritmo da fala que podem ser extremamente reveladores e, normalmente, perdem-se na escrita.

Outro apontamento é que as fontes orais se materializam em narrativas, assim, precisamos estabelecer diálogos com outras áreas do conhecimento para possuir mecanismos que nos auxiliem a analisá-las, como a etnologia e a literatura. Essas narrativas são criadas na interseção de poética, história e mitologia, ou invenção e informação, a análise dos elementos formais e estilísticos da narrativa oral, para o pesquisador, revela o caráter pessoal e social da memória.⁶ As fontes orais dizem mais sobre significados do que sobre acontecimentos, mas possuem um valor factual, pois podem revelar aspectos desconhecidos de um evento, assim como novos acontecimentos, porém se torna singular ao expressar, em sua maneira de narrar e no conteúdo narrado, subjetividades, quereres, desejos, pensamentos, sentimentos e histórias.

Nesse sentido o autor defende que a credibilidade dessas fontes é diferente, não há fonte oral falsa, nos contrastes busca-se o simbólico. As fontes orais, assim como todas as fontes, não são objetivas, são fontes construídas. Nessa construção o narrador não é mais o que viveu o acontecimento, pois ele sofre interferência do seu presente e de suas vivências. Essa construção é resultado de um trabalho entre entrevistador e entrevistado, em um processo no qual o entrevistador deve estar disposto a ouvir o depoente e intervir pontualmente. Por ser oral sempre será uma narrativa singular, podendo ser interessante repetir a mesma entrevista em outro momento. Ainda nesse primeiro ensaio o autor critica

⁶ As memórias são históricas, pois os fatos sociais mudam no tempo, assim, estão em movimento e em contínuo fazer-se. O processo de rememoração está articulado ao íntimo dos sujeitos, constituindo uma memória pessoal ou individual, mas essas recordações são produzidas em relações com os outros, articulando ideias coletivas e experiências partilhadas, o que demarca uma memória social. Ao se problematizar a memória como fonte de conhecimento não se pode ignorar a subjetividade e o seu caráter social, ou sobrepor esse caráter ao aspecto pessoal da memória. Cf. FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. Recordar. In: _____; _____. **Memória social: novas perspectivas sobre o passado.** Lisboa, Teorema. p. 13-58.

a ideia de que a História Oral faz a classe falar, bastante defendida em 1960, pois essa é feita em um processo conduzido e sob a interferência do historiador. Mas, essa metodologia muda a escrita da história na medida em que traz o narrador para a história, por isso torna-se um terreno fértil aos pesquisadores.

No segundo ensaio, **A tentar aprender algo: reflexões sobre ética na História Oral**, escrito a partir de duas conferências no Brasil em 1995, são desenvolvidas reflexões sobre questões éticas importantes para o trabalho com essa metodologia, como a responsabilidade de seguir procedimentos fiáveis na recolha e no tratamento das informações. Assim, é reforçada a necessidade de um compromisso com a honestidade caracterizado no respeito com as pessoas e com o material produzido, além de um compromisso com a verdade ou um esforço para compreender o que aconteceu ou poderia ter acontecido, entendendo a multiplicidade de narrativas e de versões. Esse compromisso com a verdade, para Portelli, nos protegeria de cair em relativismos extremos. Portanto, o estabelecimento de normas éticas, assim como a utilização de termos de cessão, são garantias de proteção ao pesquisador e ao entrevistado.

Para o autor a História Oral caminha de forma entrelaçada ao trabalho de campo, pois esse permite o encontro com o outro e seus modos de fazer/existir no mundo. Mesmo compreendendo a memória como social, o autor centra-se no indivíduo, tendo em vista que o ato de rememorar é pessoal, sendo a história oral uma arte do indivíduo, pois, como também sugere o poeta português, somos habitados sentimentalmente por uma memória. É preciso ter em mente que cada entrevista é diferente, por isso é importante desenvolver a arte da escuta, estar aberto para conhecer e aprender. A igualdade e a diferença se relacionam, pois é preciso criar uma igualdade para construirmos e conquistarmos o respeito e a confiança do depoente, mas é preciso saber e estabelecer que somos diferentes, assim como cada depoente é singular e todos os historiadores orais são diferentes.

Entendendo que fazer uma entrevista é invadir o tempo e o espaço do outro, é apontada a necessidade de se ter boas maneiras, isso não quer dizer se anular, mas ter respeito e consideração, ser aberto, então, ter boas maneiras é diferente de paternalismo que seria similar a tudo concordar. A objetividade científica estaria na interpretação que se faz dialógica entre pesquisador, depoentes e leitores. Em busca de compreender o porquê e o para que se faz História Oral, Portelli aponta que a praticamos para aprender, para ouvir histórias. Acrescenta, ainda, que temos uma necessidade de restituição que

muitas vezes se materializa na devolução da entrevista ao depoente, mais isso não faz muita diferença para o sujeito, assim sugere outra restituição, talvez mais significativa, que seria propor um discurso provável, uma interpretação possível da vida e de experiências desse sujeito, além de ampliar suas vozes para outros tempos e espaços.

Em **Um trabalho de relação: Observações sobre a História Oral**, publicado pela primeira vez em 2000, o autor inicia a discussão diferenciando História Oral de Tradição Oral, sendo a primeira narração individual não formalizada e dialógica, e a segunda forma verbal formalizada, transmitida e partilhada. Na História Oral as fontes orais ganham centralidade no trabalho, como produto de relações entre entrevistador e entrevistado, baseia-se na comunicação e na troca, assim, também é uma arte da relação que cria, como sugere Saramago, uma “ilha entre mares”, entre passado/presente/devir, entre público e privado, entre história e autobiografia, entre oralidade e escrita, entre pessoas entrevistadas e pessoas que entrevistam.

Portanto, as histórias e as experiências pessoais se tornam reveladoras de espaços desconhecidos, assim, articula-se a historicidade das experiências pessoais unida ao impacto de acontecimentos históricos, como fios que cruzam História e histórias. O cotidiano também pode ser compreendido pelas fontes orais, pois a memória, como processo contínuo de elaboração, atribuí significados para este. Entendendo que a memória é subjetiva, quando se identifica erros, mentiras, ou falsa memória, ainda mais de forma coletiva, pode ser um importante indicador do trabalho da memória e de vontades. Portanto, a memória revela as visões, os desejos e os sonhos de mundo dos atores sócio-históricos.

No quarto texto, **Memória e acontecimento**: A morte de Luigi Trastulli, publicado inicialmente em 1981, o autor analisa o acontecimento vivido da morte do operário Trastulli na manifestação contra a adesão italiana à NATO em 17 de março de 1949 e as memórias desse acontecimento, entendendo como tem sido elaborado e interpretado. Faz uma análise das fontes escritas e dos relatos, identificando uma mudança na data e no contexto do evento. Identifica na imprensa diferentes versões sobre o fato, de posições do Partido Comunista Italiano ou pró-governo, nas quais ou Trastulli aparece como vítima e mártir de um sistema e de um governo repressor ou o ato aparece como ilegal e os culpados não são identificados.

Nos autos judiciais, inicialmente, observa certa neutralidade, mas que é substituída por uma apropriação do discurso da polícia. Na análise dos relatos identifica

que em alguns aparecem uma necessidade de afirmação de que não era um cortejo organizado, mas uma saída normal da fábrica, entretanto nos discursos dos funcionários do Partido Comunista, que são exatos quanto às datas, revela-se um medo de assumir a manifestação. O historiador oral percebe, sensivelmente, que os relatos dos militantes e dos operários possuem ritmos e usam o presente recorrentemente, dando uma característica épica à narrativa, sendo mais imaginativa, expressando mais sentimentos, como a raiva, podendo revelar, inclusive, uma dimensão cinematográfica. Portelli problematiza elementos recorrentes nessas memórias, como o muro e o jipe, cada símbolo com significado atribuído pelo pesquisador, o jipe representaria o braço repressivo do Estado democrata-cristão, já o muro faria alusão à crucificação.

Em uma quantidade significativa de depoimentos o pesquisador identificou que ocorreu o deslocamento cronológico e contextual do acontecimento para os confrontos de rua gerados pelos despedimentos de mais de dois mil trabalhadores da siderurgia em outubro de 1953. Na interpretação de Portelli, esse fenômeno ocorreu, pois esses acontecimentos são vistos pelo movimento operário como uma sequência única que faz parte de uma mesma luta. Assim, Trastulli é uma vítima da violência anti-operária de classe. Além disso, a luta contra a NATO não faz mais sentido no movimento operário, e nos relatos foi identificada uma raiva/angústia por nada ter acontecido após a morte do operário, sugerindo que a memória coletiva possuía uma ferida aberta que machucava a dignidade da classe operária de Terni. Então, o autor entende que com nesse deslocamento essa ferida pode ser sarada, tendo em vista que no segundo episódio houve reação imediata e dura à violência dos despedimentos. Esse deslocamento e as possíveis manipulações do tempo faz do evento um acontecimento periodizador.

Por fim, Portelli conclui a sua tese interpretativa afirmando que a memória coletiva manipula o acontecimento para responder a três funções: simbólica, pois a morte de Trastulli torna-se representativa da experiência da luta de classes em Terni no pós-guerra; psicológica, porque sara o sentido de humilhação e a perda da autoestima provocados pela falta de resposta à morte do operário; formal, tendo em vista que é deslocada horizontalmente para dar função periodizadora e verticalmente para encontrar uma modalidade de relação que lhe dê um sentido aceitável. A memória, nesse sentido, tornou-se importante fato histórico e a separação entre fato e memória foi gerada pelo próprio funcionamento da memória coletiva.

O último ensaio, **Memória e identidade. Uma reflexão a partir da Itália pós-fascista**, escrito em 1998, trata de uma reflexão que busca relacionar a memória do movimento da Resistência em 1943-1944 e os acontecimentos políticos na Itália do pós-guerra. Inicialmente identifica dois significados do 8 de setembro, data da assinatura do Armistício de Cassibile que cessa os confrontos com os Aliados, como símbolo de dissolução, ou marca da conversão de subjetividades que se unificam em nome da dignidade, do orgulho e da liberdade, ou seja, ou a morte ou a ressurreição da pátria.

Em análise sobre o massacre nas Valas Ardeatinas em 1944 e o movimento da Resistência identifica mitos que são desconstruídos, como de excepcionalidade do ataque partigiano, da existência de um tempo de rendição ou vigência de uma regra de matar dez italianos para cada alemão, fazendo emergir, por exemplo, discursos legitimadores do massacre. Revela, ainda, um drama da memória em culpar os partigiani que não se entregaram como uma maneira de encerrar o caso e negar-se a ouvir, fechando a memória com o não entendimento do que foi que aconteceu e o seu negar, pois falar em Rua Rasella e Valas Ardeatinas desfaz a sensação que se tentava construir de bem-estar, como uma ferida a cicatrizar. Assim, compreende a convivência de memórias múltiplas e de silêncios diversos que compõe uma forma problemática da Itália se relacionar com momentos fundadores e construir suas identidades.

A leitura desta obra é reveladora, pois se trata de uma reflexão densa sobre História Oral – entendendo-a como prática e metodologia - fontes orais e memória. Apesar da complexidade das ideias desenvolvidas, a sua escrita é acessível e leve, tornando a leitura questionadora e prazerosa. Acreditamos que as considerações do autor e as suas discussões são importantes para os pesquisadores que decidam trabalhar com a História Oral, pois a sua forma de compreender a oralidade e sua singularidade propõe uma interpretação sensível e cuidadosa das fontes orais, com atenção aos seus códigos e a sua linguagem. As posturas e os apontamentos sobre ética permitem que entendamos a importância de assumir esse compromisso de forma responsável e criteriosa na busca por conhecer e aprender com o outro, mas também sobre si – por vezes aventura que envolve fazer-se pesquisador –, ou seja, a procura de compreender as formas dos sujeitos

experimentarem e significarem o mundo, mas também a invenção de si, já que “somos habitados por memórias” e, concomitantemente, habitamos memórias.

RECEBIDO EM: 05/08/2014

PARECER DADO EM: 20/11/2014



www.revistafenix.pro.br